



# HUMANIDADE NA GUERRA

Retrospectiva Prêmio Visa d'Or Humanitário CICV



CICV

# Prêmio Visa d'Or Humanitário CICV

Criado em 2011, o Visa d'Or Humanitário do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) é um prêmio anual de fotojornalismo que reconhece trabalhos dedicados a retratar as consequências humanitárias dos conflitos armados.

O prêmio faz parte do prestigioso Festival Internacional de Fotojornalismo Visa pour l'image, realizado anualmente em Perpignan, na França, desde 1989. O prêmio tem um duplo objetivo: reconhecer o trabalho realizado por fotojornalistas em campo e promover o Direito Internacional Humanitário (DIH) por meio da fotografia.

Agradecemos a todos os fotojornalistas vencedores e participantes, cujo trabalho corajoso e inspirador marcou a história deste prêmio.

Atenção: as imagens podem ferir a sensibilidade do público.

# HUMANIDADE NA GUERRA

## Retrospectiva Prêmio Visa d'Or Humanitário CICV

A fotografia de conflito armado, em sua essência, carrega o peso de ser simultaneamente documento histórico e testemunho ético. Mais do que expor a mecânica do combate, o fotojornalismo aqui apresentado assume seu papel social como um instrumento de consciência. Ele captura fatos, situações de guerra e suas consequências humanitárias que exigem ser registrados para não serem esquecidos.

Esta exposição, que celebra os 15 anos do prêmio Visa d'Or Humanitário do Comitê Internacional da Cruz Vermelha — uma das categorias do prestigioso Festival Internacional de Fotojornalismo Visa pour l'Image, realizado anualmente em Perpignan, na França —, não propõe uma cronologia ou um percurso pré-definido. A mostra

convida o visitante a confrontar fragmentos de uma realidade global onde a violência e a resiliência coexistem. Ao observar os registros de hostilidades que marcaram o período de 2011 a 2025, o público é convocado a construir sua própria compreensão sobre o impacto humanitário dos conflitos armados.

O eixo central desta curadoria, extraída de um universo de 150 fotografias, se orienta na humanização dos cenários retratados. Buscou-se um equilíbrio entre o rigor estético da imagem e o profundo respeito às condições de vulnerabilidade de cada indivíduo. Não se trata de estetizar a dor, mas de reconhecer que a dignidade humana persiste mesmo sob a iminência da destruição.

As lentes premiadas nestes 15 anos do Prêmio Visa d'Or Humanitário revelam a face cotidiana e complexa dos conflitos armados: da proteção vital às missões médicas e a força resiliente das mulheres em zonas de combate, à tragédia silenciosa da população civil que enfrenta o luto e a perda de seus familiares. Os registros percorrem o cenário de escombros das guerras urbanas e a crueza dos deslocamentos forçados.

A seleção é também um tributo ao olhar e ao risco assumido pelos fotojornalistas premiados, que atuaram sob ameaça

à própria segurança para documentar essas realidades. Seus trabalhos são elos vitais que conectam o sofrimento distante à nossa responsabilidade comum, e reforçam a necessidade irrevogável de cumprimento das normas e princípios do Direito Internacional Humanitário aplicáveis nos conflitos armados.

Ao converter fatos em documentos, essas imagens situam a fotografia como um instrumento para a construção da memória histórica contemporânea que resiste à invisibilidade.

## **Comitê Internacional da Cruz Vermelha**

Delegação Regional para Argentina,  
Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

# ÍNDICE

|  |   |
|--|---|
| O Comitê Internacional da Cruz Vermelha  | 6 |
| A Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai | 7 |
| O Festival Visa pour l'Image   | 9 |

## Cuidados de saúde em risco

|      |  |    |
|------|--|----|
| 2011 | <b>Catalina Martin-Chico:</b> O primeiro km <sup>2</sup> de liberdade  | 11 |
| 2012 | <b>Mani Benchelah:</b> Síria, em Homs                                  | 12 |
| 2013 | <b>Sebastiano Tomada:</b> Vida e morte em Aleppo                       | 15 |
| 2014 | <b>William Daniels:</b> Crise humanitária na República Centro-Africana | 16 |

## Mulheres na guerra

|      |  |    |
|------|--|----|
| 2015 | <b>Diana Zeyneb Alhindawi:</b> O julgamento de Minova                        | 19 |
| 2016 | <b>Juan Arredondo:</b> Nascidas no conflito: as crianças-soldado na Colômbia | 20 |
| 2017 | <b>Angela Ponce Romero:</b> Ayacucho   | 23 |

## Guerras na cidade

|      |   |    |
|------|---|----|
| 2018 | <b>Véronique de Viguerie:</b> Heroínas fabricadas pela guerra | 24 |
| 2019 | <b>Abdulmonam Eassa:</b> O fim inesperado do cerco            | 27 |
| 2020 | <b>Alfredo Bosco:</b> Guerrero esquecido                      | 28 |
| 2021 | <b>Antoine Agoudjian:</b> Nagorno-Karabakh                    | 31 |

## Deslocamentos forçados da população

|      |  |    |
|------|--|----|
| 2022 | <b>Sameer Al-Doumy:</b> As travessias da morte                 | 32 |
| 2023 | <b>Federico Rios Escobar:</b> O caminho da última oportunidade | 35 |

## O destino dos civis nos conflitos armados

|      |   |    |
|------|---|----|
| 2024 | <b>Hugh Kinsella Cunningham:</b> Os deslocados do Kivu do Norte | 36 |
| 2025 | <b>Saher Alghorra:</b> Sem saída                                | 39 |

|                        |    |
|------------------------|----|
| Júri entre 2011 e 2025 | 40 |
|------------------------|----|

# O Comitê Internacional da Cruz Vermelha

Desde 1863, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) está na linha de frente em defesa da humanidade, trabalhando para preservar a dignidade humana e aliviar o sofrimento humano em situações de guerra ou violência armada.

Presente em mais de 90 países, agimos com decisão para prestar assistência humanitária a quem mais precisa, independentemente de raça, religião, gênero ou política. Em colaboração com nossos parceiros da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, fazemos o possível para prestar ajuda vital nas linhas de frente, reunir famílias e localizar pessoas desaparecidas. Pressionamos as autoridades para que nos deem acesso aos detidos e nos empenhamos para melhorar as condições de vida deles.

Dialogamos com autoridades e forças armadas de todos os lados, instando-as a cumprirem o seu dever, segundo as Convenções de Genebra, de proteger quem está fora dos combates contra perigos, inclusive no âmbito digital. Mantemos discussões delicadas, muitas vezes bilaterais e confidenciais, com o objetivo de evitar maiores danos e ajudar todas as partes a cumprirem melhor o Direito Internacional Humanitário (DIH).

Nos momentos mais sombrios, defendemos nossa humanidade compartilhada promovendo as Normas da Guerra e convocando o mundo a exigir que elas sejam cumpridas de forma eficaz.

## O CICV no mundo

Mais de

**15 mil**

trabalhadores

Mais de

**90**

países

Mais de

**160 anos**

ao lado da humanidade



## **A Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai**

A Delegação Regional do Comitê Internacional da Cruz Vermelha para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai trabalha para a promoção e difusão do Direito Internacional Humanitário (DIH) e dos princípios humanitários. Fundamentado em uma série de tratados, em particular nas Convenções de Genebra de 1949 e nos seus Protocolos Adicionais, além de diversos outros instrumentos jurídicos, o DIH protege as pessoas que não participam ou que deixaram de participar das hostilidades em conflitos armados e limita os meios e métodos de combate de acordo com suas consequências humanitárias.

No Brasil, o CICV atua em parceria com o governo federal, governos locais, organizações e comunidades para também ampliar as respostas

das autoridades às consequências humanitárias da violência armada, um fenômeno complexo com impactos graves para a população. Alguns deles são visíveis, como homicídios e pessoas feridas, enquanto outros são menos aparentes, como desaparecimento de pessoas, deslocamentos pela violência, impactos na saúde mental da população, dificuldades ou impossibilidade de acessar serviços públicos essenciais, como unidades de saúde e escolas, entre outros.

Outra prioridade da Delegação Regional no Brasil e Cone Sul é prevenir a ruptura dos vínculos familiares da população afetada pela violência armada ou em contexto migratório. Nesse caso, trabalhamos em parceria com a Cruz Vermelha de cada país.

Os textos e as legendas relacionados às fotografias desta brochura foram elaborados pelos fotojornalistas premiados ou por seus editores no período entre 2011 e 2025 e não representam as posições do CICV.

Fiel à sua missão, o CICV é uma organização humanitária neutra, imparcial e independente.



© CICR / Guillaume Roueaut



## O Festival Visa pour l'Image

Criado em 1989 em Perpignan, o Visa pour l'Image é o principal festival internacional de fotojornalismo. Todos os anos, atrai cerca de 250 mil visitantes para exposições, projeções e encontros dedicados à fotografia, à atualidade e às grandes questões contemporâneas.

Este festival é um lugar único de intercâmbio entre fotógrafos, editores, agências, meios de comunicação social e entusiastas do fotojornalismo. Presta homenagem a quem, muitas vezes com risco de vida, testemunha os conflitos, as crises humanitárias e as mudanças sociais e ambientais no nosso mundo.

“

‘Já não há grandes acontecimentos sem imagens’. O Visa d’Or Humanitário do CICV ilustra perfeitamente essa frase, destacando fatos que, de outra forma, poderiam passar despercebidos nas notícias. Uma necessidade óbvia!

”

*Jean-François Leroy, diretor-geral do Festival Visa pour l'Image*



## “Primeiro km<sup>2</sup> de liberdade”: Praça da Mudança, Sanaa

“*Mártir, o teu sangue não foi derramado em vão*”, cantam os revolucionários iemenitas. Estudantes que frequentam ou abandonaram seus cursos, desempregados ou desalentados, estão todos ali, juntos, no pátio da nova universidade de Sanaa, rebatizado “Praça da Mudança”. Não sairão de lá enquanto o presidente Ali Abdallah Saleh, que governa o Iêmen há 33 anos, não abandonar o poder. Das colinas do norte aos vales do sul, da costa do Mar Vermelho aos uades de Hadramaut, nenhuma província do Iêmen escapou à mobilização da sua juventude. Os “revolucionários” formam um dos grupos mais improváveis que existem. Este é, sem dúvida, o primeiro êxito da revolução. Na Praça da Mudança, em Sanaa, ou na Praça da Liberdade, em Taez, milhares de cidadãos escolheram um método de luta: o pacifismo.

Aqui está a outra originalidade desta “revolução”: é feita sem armas. O confronto armado entre o presidente Saleh e o clã da tribo Al-Ahmar, no norte da capital, ameaçou, no entanto, fazer com que a “revolução” se transformasse numa guerra civil. Os manifestantes foram também sujeitos a disparos indiscriminados de atiradores de elite escondidos nos telhados, gás lacrimogêneo e golpes de bastão desferidos pelas forças de segurança centrais. Contudo, pacíficos até ao fim, não dispararam uma única bala. Enquanto o presidente Saleh permanece hospitalizado na Arábia Saudita, os “revolucionários” tentam provocar uma transferência de poder gradual e pacífica. Apelam também à consolidação de um regime parlamentar.”

*François-Xavier Trégan, sobre o trabalho de Catalina Martin-Chico (2011)*

← Ambulâncias correm grandes riscos e podem ser vítimas de balas perdidas direcionadas aos opositores durante os confrontos. Sanaa, Iêmen, 2011.

→ Opositores feridos após confrontos. Sanaa, Iêmen, 2011.



## MANI BENCHELAH

para o *Le Monde* — Vencedor em 2012

## Síria, em Homs

“ Na véspera da revolta síria, os opositores mais resolutos do regime de Bashar al-Assad foram os primeiros a pressentir uma revolução iminente. Todos se lembravam da repressão em Hama em 1982, epílogo sangrento de uma insurreição islâmica que durou 3 anos. O regime sírio, liderado na altura por Hafez al-Assad, pai do atual presidente, não hesitou em disparar armas pesadas contra a quarta maior cidade do país, provocando milhares de mortes, embora nunca tenha sido divulgado um balanço oficial (entre 10 mil e 20 mil, segundo as estimativas).

Tais opositores tinham razão. Desde 17 de março de 2011 e os primeiros massacres em Deraa, no sul do país, o governo sírio privilegiou mais uma vez a resposta militar, com o acréscimo de reformas consideradas puramente cosméticas. Confrontado com multidões que tomaram pacificamente o

controle das ruas e perante as quais se encontrava desarmado, o regime tentou empurrar uma parte desta oposição para a luta armada, um terreno em que acreditava ter vantagem. De fato, há mais de 15 meses que o país está mergulhado numa violência sem precedentes; uma violência de Estado que não tem em conta os princípios humanitários mais fundamentais. Os hospitais, os serviços de saúde e os médicos foram alvo de perseguições aos opositores organizadas em todo o país. Os testemunhos recolhidos em Homs pelos enviados especiais do *Le Monde* e o relatório elaborado pela organização não governamental Médicos Sem Fronteiras relatam verdadeiras perseguições em estabelecimentos públicos, não deixando aos feridos outra escolha senão recorrer a postos médicos improvisados, onde os medicamentos chegam aos poucos, quando chegam.”

*Gilles Paris, chefe do departamento internacional do Le Monde, sobre o trabalho de Mani Benchelah (2012)*



© Mani Benchehla / Le Monde



Um homem ferido por um atirador de elite é evacuado numa camionete exposta a tiros. Não vai sobreviver. Bairro de Karm al Zaytoun, Homs, Síria, 2012.



↑  
Uma criança ferida, acompanhada de seu pai. Acabou de ser tratada pela pequena equipe médica que trabalha nesta unidade de saúde. Aleppo, 2012.

→  
Ambulância abandonada em Mashhad, um bairro da parte libertada da cidade que se tornou um dos bastiões do ELS. Mashhad, Aleppo, 2013.

“ Como fotógrafo, desejo que o meu trabalho possa tocar e mobilizar um público tão vasto quanto possível. O Visa d’Or Humanitário do CICV me deu esta oportunidade. ”

## Vida e morte em Aleppo

Desde julho de 2012, a batalha tem sido travada entre as forças governamentais e os insurgentes do Exército Livre Sírio (ELS), que lutam pelo controle de Aleppo, a principal cidade do norte. Os centros médicos que acolhem os feridos nas zonas controladas pelos rebeldes viraram alvos militares, obrigando os médicos a trabalhar numa rede clandestina de clínicas e hospitais. É o caso do hospital Dar al Shifa, antes uma clínica privada pertencente a um empresário leal ao presidente Bashar al-Assad, agora transformado num hospital de campanha onde médicos, enfermeiros e auxiliares trabalham numa base de voluntariado, unidos pela sua oposição ao regime e pela necessidade de tratar tanto civis como rebeldes.

Sebastiano Tomada começou a cobrir a revolução síria em Idleb, depois ao longo de toda a fronteira com o Líbano antes de se concentrar em Aleppo, onde pôde acompanhar os sucessivos avanços e recuos do Exército Livre Sírio. Testemunha a vida cotidiana e as condições de cuidados de saúde numa cidade sitiada, nos mostrando a realidade cruel vivida por homens, mulheres e crianças assim encurralados.”

*Sebastiano Tomada (2013)*



para a Panos Pictures — Vencedor em 2014

## Crise humanitária na República Centro-Africana

“A República Centro-Africana está mergulhada numa crise humanitária sem precedentes. Depois de um ano de terror imposto pela Séléka — uma rebelião predominantemente muçulmana —, são agora as milícias cristãs anti-Balaka que, num ato de vingança desproporcionado, estão matando e expulsando todos os muçulmanos do oeste do país. Bairros inteiros foram cercados, e mulheres e crianças foram atacadas com granadas. Confrontadas com a falta de apoio internacional, as forças africanas da Misca (Missão Internacional de Apoio à República Centro-Africana) e o exército francês estão lutando para conter os massacres e os deslocamentos da população. O país tem quase um milhão de pessoas deslocadas, um quarto da sua população, com pouco ou nenhum acesso a alimentos e cuidados de saúde. Estive várias vezes na República Centro-Africana

desde dezembro de 2013. Cobri a catástrofe humanitária nos campos de deslocados da capital, como o impressionante acampamento do aeroporto de M’poko. Em poucos dias, o número de deslocados no espaço chegou a 100 mil pessoas — na sua grande maioria cristãs ou animistas —, que fugiam dos combates entre a Séléka e os anti-Balaka. Também visitei várias vezes os enclaves muçulmanos de PK-5, Bégoua e Boda. Em cada um deles, o cenário é semelhante: os habitantes e aqueles que ali encontraram refúgio estão cercados. Qualquer pessoa que tente sair arrisca-se a ser alvejada e, por vezes, até mesmo degolada e desmembrada. Os anti-Balaka que cercam os enclaves lançam granadas indiscriminadamente, atingindo mulheres e crianças ao acaso. A situação sanitária é deplorável. O acesso aos cuidados de saúde é muito limitado.”

*William Daniels (2014)*





© William Daniels / Panos Pictures



© William Daniels / Panos Pictures

← Soldado do exército nacional (Forças Armadas Centro-Africanas — FACA) ferido em combate com rebeldes da Séléka aguarda tratamento no hospital comunitário. República Centro-Africana, 2013.

↑↑ Cerca de 100 mil deslocados que fugiram da violência estão concentrados no aeroporto de M'poko, em Bangui, onde o exército francês está baseado. As condições sanitárias são desastrosas e o acesso a alimentos, água e cuidados de saúde é praticamente inexistente. Bangui, República Centro-Africana, 2013.

↑ Muçulmanos se apinhando em um caminhão, na esperança de deixarem o bairro PK-5 em Bangui, onde a anti-Balaka os manteve sob cerco por meses. O caminhão não pôde seguir, uma vez que não era seguro. Bangui, República Centro-Africana, 2013.



## O julgamento de Minova

“ Entre 12 e 19 de fevereiro de 2014, foi instalado um tribunal temporário em Minova, uma localidade às margens do lago Kivu, no leste da República Democrática do Congo. O julgamento de crimes praticados na região geralmente acontece em Goma, mas viajar até essa cidade teria sido demasiadamente caro para as vítimas das violações cometidas em Minova. Foi, portanto, o tribunal que se deslocou para ouvir os depoimentos. Trinta e nove membros das Forças Armadas da República Democrática do Congo (Fardc) foram acusados de atos de violência cometidos em novembro de 2012. Durante os dez dias de terror, mais de mil mulheres, homens e crianças teriam sido violados apenas na cidade de Minova. No final, 37 soldados foram acusados de violação. O ataque aos civis ocorreu enquanto os soldados das Fardc fugiam dos rebeldes do M23, que haviam tomado a cidade estratégica

de Goma. Em 2011, a representante especial da ONU encarregada da questão da violência sexual cometida em períodos de conflito classificou a República Democrática do Congo como a “capital mundial da violação”. O julgamento de Minova representa um verdadeiro avanço na defesa das vítimas de estupro: esta é, aliás, a primeira vez que tantos soldados são acusados. As queixas foram analisadas por um tribunal militar, e não há possibilidade de recurso para outra instância. Devido ao estigma associado às vítimas de violência sexual, as que compareceram vestiram-se de forma a preservar o anonimato; mas, mesmo com essas precauções, apenas 47 mulheres compareceram para prestar depoimento. O tribunal pronunciou o veredito em 5 de maio de 2014: apenas dois soldados foram considerados culpados. Um deles foi condenado à prisão perpétua.”

*Diana Zeyneb Alhindawi (2015)*

↩

Uma vítima, com o rosto velado para manter o anonimato, depõe perante o tribunal militar durante uma audiência à porta fechada. Um membro da equipe de acusação segura o microfone e um advogado de defesa toma notas. Os acusados estão sentados ao fundo da sala. Minova, República Democrática do Congo, fevereiro de 2014.

←

A 1,5 km ao sul de Minova está Mubimbi, um pequeno campo para pessoas deslocadas pelo conflito que assolou o Congo por quase duas décadas. Em uma audiência do caso de estupro em Minova, onze testemunhas eram sobreviventes da violação e viviam nesse campo em novembro de 2012, quando foram atacadas pelos soldados das Fardc em deslocamento do acampamento do exército em Minova para outro povoado mais ao sul. Minova, República Democrática do Congo, 2014.

## JUAN ARREDONDO

para a Getty Images Reportage — Vencedor em 2016

## Nascidas no conflito: as crianças-soldado na Colômbia

“Nos últimos dois anos, fotografei e entrevistei crianças-soldado em toda a Colômbia, tanto as que “ainda estão ativas” como outras que foram desmobilizadas. Descobri o profundo silêncio que envolve cerca de 6 mil jovens — homens e mulheres — recrutados para grupos armados e cujas vidas foram devastadas.

Estima-se que de 25 a 50% destes combatentes sejam mulheres, por vezes crianças com apenas 9 anos. Essas meninas recebem a mesma formação que os rapazes: aprendem a manusear armas, a recolher informações e a participar em operações

militares; mas são também vítimas de abusos sexuais — muitas vezes à mercê dos seus comandantes — e obrigadas a abortar se engravidarem. Estas sobreviventes enfrentam agora a dificuldade de retornar às suas famílias, que vivem em condições de extrema pobreza. Além disso, são frequentemente estigmatizadas pela sociedade colombiana, que as considera criminosas. Confrontadas com a instabilidade financeira, a discriminação, a falta de escolaridade e o escasso apoio familiar, a maioria destas crianças é forçada a regressar à violência por intermédio de atividades criminosas.”

*Juan Arredondo (2016)*





© Juan Arredondo / Getty Images Reportage

← Maritza, Dalia e Maria na estrada principal que conduz ao centro de reintegração para crianças-soldado desmobilizadas. Nesses locais, jovens aprendem competências em agricultura antes de regressarem às suas comunidades. Caldas, Colômbia, 2014.

↑ Angela e suas duas irmãs, Marcela e Angy (à esquerda), fazem lição de casa em uma residência alugada que abriga onze pessoas. Marcela, Angy e alguns familiares (seus pais e seu irmão Edinson) eram integrantes das Farc. Quando o irmão foi capturado pelo governo, decidiram se desmobilizar e entrar para o programa do governo de desmobilização de guerrilheiros. Soacha, Colômbia, 2015.

“

O Visa d'Or Humanitário CICV trouxe à tona um tema que tinha passado despercebido, mesmo na Colômbia, o meu próprio país. Também trouxe uma enorme satisfação a algumas das crianças fotografadas, que se apropriaram deste trabalho e perceberam que as suas histórias mereciam ser partilhadas.

”



© Angela Ponce Romero / Diario Correo



© Angela Ponce Romero / Diario Correo

↑↑  
Uma jovem mulher de Cayara  
leva flores para homenagear um  
ente querido morto. Ayacucho,  
Peru, 2017.

↑  
Mulheres sobreviventes oram com  
o pastor da comunidade por seus  
parentes mortos. Ayacucho,  
Peru, 2016.

→  
Duas crianças desaparecidas são lembradas  
por suas tias. Elas sumiram em 14 de agosto  
de 1985. Ayacucho, Peru, 2017.

## Ayacucho

“ Com origem nas palavras quéchuas “*aya*”, que significa cadáver, e “*cucho*”, que significa canto, Ayacucho pode ser traduzido como o “canto dos mortos”.

As décadas de 1980 e 1990 marcaram um dos períodos mais trágicos para a cidade de Ayacucho e para a história do Peru. O conflito armado desencadeado pelo Partido Comunista do Peru (mais conhecido como Sendero Luminoso) e a resposta armada do governo provocaram a morte e o desaparecimento de dezenas de milhares de pessoas em Uchu, Accomarca, Lucanamarca e Cayara.

As mulheres dessas aldeias foram mortas indiscriminadamente, vítimas de terror e submissão.

Meninas e jovens mulheres foram recrutadas por vários grupos subversivos, forçadas a casar, usadas como sentinelas e vítimas de abuso sexual. Atualmente, as mulheres, as viúvas e os órfãos sobreviventes continuam a exigir justiça e verdade.

Esta reportagem cobre as cerimônias de homenagem organizadas em Ayacucho, no Peru, em 2016 e 2017, com o objetivo de criar uma memória coletiva e evitar que tais atrocidades voltem a acontecer.”

*Angela Ponce Romero (2017)*



## VÉRONIQUE DE VIGUERIE

Verbatim Agency para a TIME e a Paris Match — Vencedora em 2018

## Heroínas fabricadas pela guerra

Desde 2006, o Iêmen é um dos piores lugares para uma mulher viver. A guerra civil de três anos entre os rebeldes houthis e o governo no exílio, apoiado por uma coligação armada liderada pela Arábia Saudita, só veio a agravar a situação. No entanto, embora em meio à onipresença da morte e às privações infligidas por esta guerra, mulheres assumiram papéis sociais anteriormente dominados por homens. Devido à ausência da figura masculina — por terem sido recrutados, feridos ou mortos —, mulheres viram chefes de família, prestam cuidados, se matriculam na escola, organizam o comércio e atuam também em cargos políticos e como ativistas.

Amat, uma jovem de 17 anos, é primeira-ministra do chamado “Governo das Crianças”, composto por 33 ministros, rapazes em sua maioria. Eles trabalham para combater a corrupção e persuadir os comandantes da linha de frente a libertarem crianças-soldado ou a impedirem o casamento infantil. Aos hospitais públicos como o de Saada — um bastião houthi —, vítimas de bombas de dispersão ou da fome chegam todos os dias. A maior parte das equipes hospitalares é formada por mulheres suficientemente motivadas a

trabalhar sem remuneração há mais de um ano. No ensino superior, as mulheres atualmente estão em maior número do que os homens nos campos da informática, das ciências e do direito. No futuro, elas desejam ter um papel muito ativo na sociedade iemenita.

Após um ano tentando entrar no país, finalmente consegui passar um mês no norte do Iêmen, de outubro a novembro de 2017.”

*Véronique de Viguerie (2018)*



© Véronique de Viguerie / The Verbatim Agency

Estou extremamente orgulhosa deste prêmio. Ele permitiu chamar a atenção para um conflito amplamente desconhecido: a situação trágica dos iemenitas do norte. A exposição resultante continua a percorrer a Europa, e espero que eu possa ajudar a abrir os olhos sobre esta guerra muitas vezes ignorada.



© Véronique de Vignerie / The Verbatim Agency



© Véronique de Vignerie / The Verbatim Agency

⚔ Ahmed Sagaf declara ter 18 anos para fazer parte do exército, embora seus colegas tenham informado que sua idade é de apenas 13 anos. Ele pisou em uma mina enquanto combatia na linha de frente e, por isso, está aprendendo a caminhar com uma nova prótese no centro de próteses em Sanaa. Ele não vê a hora de voltar para a linha de frente da batalha. Sanaa, Iêmen, 2017.

↑↑ Uma mulher foge com a sua mala do reduto houthi em Saada, declarado zona de guerra e alvo frequente de ataques aéreos letais. Saada, Iêmen, outubro de 2017.

↑ O bairro de Rahban, classificado como patrimônio mundial da UNESCO, foi fortemente destruído por ataques aéreos. Saada, Iêmen, 2017.



© Abdulmonam Eassa



© Abdulmonam Eassa

## O fim inesperado do cerco

“Uma cidade sitiada não é mais do que uma gigantesca prisão, onde civis e seus entes queridos ficam encurralados.

Apenas os sonhos e as memórias permitem escapar, por um breve instante. A realidade ressurge implacavelmente para se vingar e nos mergulhar novamente num abismo de horrores e sofrimentos diários. O som dos tiros de artilharia e ataques aéreos e o espectro da morte invadem tudo, tal como a fome, o frio rigoroso, a explosão dos preços e as perdas intermináveis.

Até ao final de março de 2018, as bombas continuavam a atingir as cidades e aldeias de Ghouta Oriental, sem tréguas, semeando o medo e a destruição como nunca desde o início do cerco em 2013. No espaço de apenas dois meses, a paisagem e todos os pontos de referência mudaram completamente. Foram destruídas mesquitas, hospitais e

escolas. Esses ataques eram uma forma de punição coletiva para todos aqueles que viviam sob o cerco e um aviso aos outros bairros e cidades rebeldes. Os civis inocentes, impedidos de sair dos abrigos para exercer as suas atividades, ficavam encurralados e aterrorizados pelos bombardeios incessantes. Alguns morreram nesses locais onde pensavam estar seguros.

O enclave de Ghouta Oriental — controlado por grupos armados da oposição — tem sido palco de intensas hostilidades com as forças governamentais, em detrimento da população civil, resultando em milhares de mortes. Muitos combatentes e civis acabaram sendo evacuados à força para o norte da Síria, na sequência de um acordo injusto que obrigou mais de 60 mil habitantes a abandonar as suas casas e as suas terras.”

*Abdulmonam Eassa (2019)*

“

O Visa d’Or Humanitário CICV foi uma oportunidade fantástica para mim, tanto pessoal como profissionalmente. Espero que esse reconhecimento possa, a longo prazo, contribuir para ajudar os sírios.

”

↖  
Voluntários da defesa civil síria carregam uma menina que foi resgatada dos escombros após ataques aéreos na cidade de Hamouria, sob controle rebelde. Os bombardeios foram atribuídos às forças russas e sírias. Hamouria, Ghouta Oriental, Síria, 2018.

←  
Civis fogem em busca de abrigo após ataques aéreos na cidade de Hamouria, sob controle rebelde. Hamouria, Ghouta Oriental, Síria, 2018.

Com o apoio do *Le Figaro Magazine* — Vencedor em 2020

## Guerrero esquecido

Esta reportagem documenta a situação social e política atual no estado mexicano de Guerrero, uma região única na guerra contra as drogas.

Guerrero é a principal zona produtora de papoulas do país. Ao contrário de outros estados mexicanos, que são frequentemente controlados por uma única organização, Guerrero abriga o maior número de grupos criminosos. Nada menos de quarenta cartéis e grupos de defesa autoproclamados lutam pelo controle da produção e do tráfico de drogas, principalmente a heroína destinada ao mercado dos Estados Unidos, além de estarem envolvidos em outros esquemas, como a prática de extorsão. Em grandes centros urbanos como Chilpancingo, Chilapa de Alvarez

ou até mesmo Acapulco — uma cidade que já foi destino turístico —, lutas internas brutais pelo controle territorial espalham o terror entre os habitantes. Qualquer pessoa pode se tornar vítima. A violência é aterrorizante.

A insegurança impera, obrigando muitas vezes os habitantes das cidades menores a abandonar as suas casas em busca de segurança. Uma das consequências é o surgimento de um número crescente de cidades-fantasma.

Em Guerrero, é fácil morrer, mas é ainda mais fácil desaparecer. Em 2014, o desaparecimento de 43 estudantes universitários de Ayotzinapa esteve nas manchetes dos principais jornais internacionais.”

*Vincent Jolly, repórter da Le Figaro Magazine, sobre o trabalho de Alfredo Bosco (2020)*



© Alfredo Bosco

←  
Treinamento de crianças: após vários ataques de um cartel em 2019, o grupo de autodefesa de Ayahualtempa começou a treinar crianças para a defesa armada. Guerrero, México, 2020.

→  
Retrato de uma mãe com a sua filha, envolvidas no grupo de autodefesa da cidade após repetidos ataques de um cartel. Guerrero, México, 2019.



1★ 10-11= TRAVIESO  
2★ 11-12= 911  
3★ 12-13= 13-27  
4★ 20  
5★ ES OYPIORI  
6★ 14-14= Montes  
7★ 5-20



© Antoine Agoudjian / Le Figaro Magazine



© Antoine Agoudjian / Le Figaro Magazine

## **Nagorno-Karabakh**

“ Em 1991, no contexto da URSS, surgiram vários conflitos étnicos e políticos. Entre eles, o conflito de Nagorno-Karabakh, entre Armênia e Azerbaijão que seguiram em guerra por 4 anos. Em 1994, no âmbito do Grupo de Minsk, a OSCE (Organização para a Cooperação e Segurança na Europa) criou um quadro para as negociações sob os auspícios dos Estados Unidos, da França e da Rússia. O objetivo era obter dos beligerantes um acordo para a suspensão das hostilidades.

No entanto, em 24 de setembro de 2020, o conflito recomeçou e se estendeu ao longo de 44 dias. Em 10 de novembro,

entrou em vigor um acordo de cessar-fogo. O Azerbaijão manteve sob controle os territórios em disputa, dos quais as forças armênias tiveram de se retirar. Por seu lado, os armênios conservaram o direito de passagem pelo corredor de Lachin.

Toda a região é marcada por mais de um século de tensão e de conflitos sucessivos, com consequências humanitárias para as populações civis.”

“ Para simbolizar a minha abordagem jornalística iniciada há 30 anos, recorro a esta citação de um autor cujo nome não consegui encontrar. ‘Espero que ele me perdoe: a paz não nascerá do silêncio, mas da fermentação da verdade.’ ”

↳ Um dos primeiros nascimentos após o cessar-fogo em Nagorno-Karabakh. Nagorno-Karabakh, 2020.

↳ Distribuição de roupas e mantimentos organizada por um conglomerado de organizações. Nagorno-Karabakh, 2020.

## SAMEER AL-DOUMY

para a Agence France Presse — Vencedor em 2022

## As travessias da morte

“Depois de anos de país em país, muitos migrantes que fugiram da guerra ou de catástrofes naturais acabam passando pela cidade de Calais, situada na parte mais estreita do Canal da Mancha. Permanecem semanas em campos improvisados na costa francesa, na esperança de chegarem ao seu destino final, o Reino Unido.

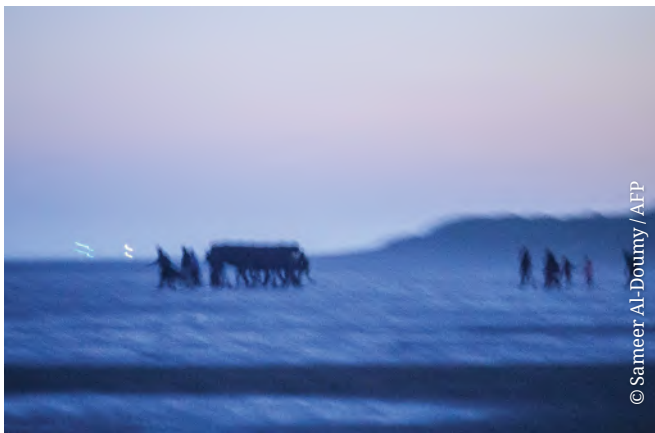
Após pagarem aos traficantes cerca de 3 mil euros por pessoa, embarcam num bote inflável com um motor minúsculo e tentam atravessar ilegalmente o canal em direção à Inglaterra, para começar uma nova vida.

Em 24 de novembro de 2021, o naufrágio de um bote inflável que transportava migrantes custou 27 vidas ao largo de Calais. No entanto,

tal tragédia não gerou qualquer mudança nas políticas de migração voltadas à segurança das fronteiras, medidas essas que, para muitos observadores, são a causa do problema.

Entre o início de 2021 e a data do naufrágio, 31,5 mil migrantes atravessaram o Canal da Mancha, da França para o Reino Unido. Desde o Brexit, processo que suscitou um reforço da segurança no porto de Calais e no túnel da Mancha — por onde os migrantes atravessavam escondidos em veículos —, as tentativas de travessia em pequenas embarcações se tornaram muito frequentes. Por ser um percurso bastante perigoso, é de recear que, assim como o Mediterrâneo, o Canal da Mancha se transforme num novo cemitério a céu aberto.”

*Sameer Al-Doumy (2022)*



← Migrantes carregam um barco antes de embarcarem na praia de Gravelines, próximo à Dunquerque, norte da França, em 22 de setembro de 2020. O número de migrantes atravessando o Canal da Mancha em pequenos barcos infláveis aumentou vertiginosamente durante o verão de 2020 no Hemisfério Norte. O ponto mais estreito do canal tem 33,8 km de extensão e fica na altura do Estreito de Dover. Canal da Mancha, 2020.

→ Migrantes a bordo de um barco em águas agitadas entre Sangatte e Cap Blanc Nez, no Canal da Mancha, enquanto tentam atravessar a fronteira marítima entre a França e o Reino Unido. Canal da Mancha, 2020.





© Federico Rios Escobar



© Federico Rios Escobar

↑↑  
Originário da Venezuela, Luis Miguel Arias (28 anos) faz uma pausa com a sua filha Melissa (4 anos) enquanto sobe uma colina na região de Darién, entre a Colômbia e o Panamá. Viaja com a mulher, os dois filhos e um amigo. Tampão de Darién, 2022.

↑  
O venezuelano Gabriel Ynfante (ao centro, de bermuda vermelha) ajuda Francheska Lopez (6 anos), apesar de não ser sua filha, cantando-lhe músicas infantis para a distrair durante os vários dias de caminhada na selva de Darién. Tampão de Darién, 2022.

## O caminho da última oportunidade

“A perigosa selva de Darién, situada entre a América do Sul e a América Central, é o ponto de convergência de duas crises: por um lado, a crise econômica e a situação humanitária catastrófica na América Latina, por outro, as tensões intensas em torno da política de migração dos Estados Unidos.

A região de Darién é uma estreita faixa de terra entre a América do Sul e a América do Norte. Um emaranhado montanhoso e sem estradas que, durante décadas, foi considerado o caminho da última oportunidade, um percurso repleto de perigos: rios turbulentos, precipícios vertiginosos, extensões de lama mortífera e bandidos prontos para raptar, atacar e matar.

Em 2022, cerca de 250 mil pessoas — dentre elas, pelo menos 33 mil crianças — atravessaram a selva de Darién. Até ao final de 2023, estima-se que cerca de 400 mil pessoas tenham feito a viagem, a maioria com destino aos Estados Unidos. O governo dos EUA está fazendo o possível para bloquear esse caminho. Em abril de 2023, os Estados Unidos e seus aliados na região anunciaram uma campanha de 60 dias para tentar travar a movimentação ilegal de migrantes. O país também impôs novas regras que dificultarão a entrada de solicitantes de asilo.

Atualmente, mais de oitenta nacionalidades tentam essa perigosa viagem para os Estados Unidos, arriscando tudo na esperança de um futuro melhor para as suas famílias.”

*Federico Rios Escobar (2023)*

## Os Deslocados do Kivu do Norte

“No leste da República Democrática do Congo, na província de Kivu do Norte, ocorre um conflito armado entre as forças governamentais e o grupo armado M23. Mais de 2,4 milhões de civis foram obrigados a fugir e a procurar refúgio em vastos campos de deslocados. Como consequência do genocídio ruandês de 1994, o conflito intensificou-se até atingir um nível crítico. Na linha de frente, as forças armadas da República Democrática do Congo tentam retardar o avanço dos rebeldes. Forças militares e mercenários de vários países estão presentes no terreno e recorrem a armas pesadas e ataques aéreos. Enquanto cada um dos lados procura conquistar território, foguetes, artilharia e morteiros começaram a atingir alvos civis — incluindo campos de deslocados —, causando inúmeras vítimas.

Para a população encurralada atrás da linha de frente, a comunidade internacional é impotente, e não há sinais de um desfecho pacífico. Muitas famílias foram deslocadas por diversas vezes, inclusive durante a última ofensiva do M23 em 2022.

Ao longo de dois anos de combates, as linhas de frente se contraíram; os civis que fugiam em busca de segurança com todos os bens

que conseguiam transportar foram empurrados para um perímetro de segurança cada vez mais apertado em torno da cidade de Goma. Contudo, mesmo nos acampamentos superlotados destinados às pessoas deslocadas, a segurança não está garantida: as doenças se propagam, os alimentos são escassos, e a violência sexual é comum. A ameaça de mais violência é real, com operações militares ocorrendo nas proximidades, ao alcance da voz.

Esta reportagem é fruto da cobertura em tempo integral da crise do M23 desde o ressurgimento do conflito. As imagens do contexto humanitário e do conflito foram captadas em 2022, 2023 e 2024, quando o conflito se intensificou drasticamente e a capital da província de Goma foi gradualmente cercada.”

*Hugh Kinsella Cunningham (2024)*





© Hugh Kinsella Cunningham



© Hugh Kinsella Cunningham

← Famílias que fugiram dos combates chegam a Sake com os seus poucos bens, enquanto a ofensiva do M23 continua. Uma vez a salvo, têm agora de construir abrigos e encontrar forma de se alimentar. Sake, República Democrática do Congo, 2023.

↑↑ Uma família foge em direção a Goma, enquanto a artilharia ressoa atrás dela. Aviões de combate e helicópteros do exército congolês sobrevoam a cidade à medida que os rebeldes avançam. Sake, República Democrática do Congo, 2024.

↑ Integrantes da comunidade resgatam uma munição de foguete de artilharia de 122 mm que explodiu ao atingir um campo de pessoas deslocadas densamente povoado nos arredores da cidade de Goma. O ataque destruiu diversos abrigos, que eram os lares das famílias deslocadas. O número oficial de mortes em decorrência do ataque foi de 35 pessoas, com várias crianças entre as vítimas. Goma, República Democrática do Congo, 2024.



© Saheer Alghorra / Zuma Press



© Saheer Alghorra / Zuma Press

↑↑

Palestinos deslocados para o sul estão regressando pela primeira vez ao norte de Gaza, após uma decisão de Israel. Wadi Gaza, Faixa de Gaza, 2025.

↑

Mártires e pessoas feridas chegam ao hospital Al-Aqsa Martyrs em Deir al-Balah, como resultado do bombardeio de várias áreas no centro da Faixa de Gaza. Faixa de Gaza, 2024.

→

Mulheres palestinas, esmagadas pela multidão, tentam obter comida de uma cozinha solidária em meio à fome generalizada. Khan Younis, sul da Faixa de Gaza, 2024.

## Sem saída

“ Os ataques contra Gaza após 7 de outubro de 2023 não têm precedentes. Encurralada na Faixa de Gaza, a população não tem para onde ir. Civis palestinos — famílias inteiras — são repetidamente deslocados de norte a sul, depois de sul a norte, tendo de suportar o ritmo incessante de bombardeios, ataques aéreos e operações terrestres, ao mesmo tempo em que enfrentam a fome, a doença e a perda de entes queridos. Suas casas e cidades foram arrasadas.

Passaram dois invernos ao frio e à chuva, encontrando abrigo apenas em tendas improvisadas. O calor escaldante do verão em meio à pouca sombra mergulhou-os num inferno implacável. A falta de eletricidade, água e alimentos faz parte do cotidiano. Dia e noite, o rugido inexorável de drones e aviões os faz lembrar de que suas famílias podem ser atingidas a qualquer momento. Os hospitais foram

destruídos um após o outro. Jornalistas que tentavam relatar esses massacres foram visados e mortos.

O título desta exposição é inspirado num verso do poema “*Memory For Forgetfulness*” (Memória para o esquecimento, em tradução livre). Escrito por Mahmoud Darwish, o poema foi publicado em 1982 durante o cerco de Beirute, para onde o poeta palestino havia sido deslocado. O texto evoca os estragos da guerra, a perda, a identidade e a busca pela liberdade. Quatro décadas depois, as palavras de Darwish são, infelizmente, mais relevantes do que nunca.

Como fotojornalista que ainda hoje se encontra em Gaza, continuarei a documentar as dificuldades, a resiliência e a força das famílias palestinas aqui encurraladas, até que — assim espero — a provação chegue ao fim.”

Saher Alghorra (2025)



“ Sempre que olho para esta fotografia, sinto um novo sentido de dever. O dever de contar as histórias escondidas por detrás da fumaça da guerra... as histórias daqueles que não gritam, mas que sofrem todos os dias. ”

# Júri entre 2011 e 2025

O Visa d'Or Humanitário CICV é atribuído na sequência de um processo coletivo e independente. Todos os anos, um júri composto por profissionais da fotografia, dos meios de comunicação social e do setor humanitário, incluindo um representante do CICV, reúne-se para analisar e discutir as reportagens apresentadas anonimamente. O vencedor do prêmio é escolhido com base nessas deliberações colegiais e não resulta de forma alguma de uma decisão unilateral do CICV.

Essa diversidade de conhecimentos e sensibilidades garante a independência e a credibilidade do prêmio, que procura, acima de tudo, reconhecer o valor jornalístico e humanitário do trabalho premiado.

## Profissionais dos meios de comunicação e da fotografia

*(Organização onde o profissional trabalhava no momento do júri)*

**Daphné Anglés**

The New York Times França

**Benoît Baume**

Fisheye Magazine

**Marie-Hélène Barberis**

Pesquisadora-documentalista

**Armelle Canitrot**

La Croix

**Magali Corouge**

Causette

**Nick Danziger**

Fotógrafo

**Cyril Drouhet**

Le Figaro Magazine

**Abdulmonam Eassa**

Fotojornalista e vencedor de 2019

**Didier François**

Europe 1

**Véronique Gaymard**

RFI

**Albéric de Gouville**

France 24

**Claude Guibal**

Radio France

**Pierre Haski**

Repórteres Sem Fronteiras

**Luc Hermann**

Premières Lignes TV

**Magdalena Herrera**

Geo Magazine

**Jérôme Huffer**

Paris Match

**Romain Lacroix**

Paris-Match

**Isabelle de Lagasnerie**

La Croix

**Luc Mathieu**

Libération

**Lucas Menget**

France Info

**Benoît Schaeffer**

Fotojornalista

## Profissionais do setor humanitário

**Rony Brauman**

Médicos Sem Fronteiras

**Jean-François Corty**

Médicos do Mundo

**Philippe Da Costa**

Cruz Vermelha Francesa

**Caty Forget**

Foundation S - Sanofi Collective

**Frédéric Joli**

Fundador do prêmio

**Pierre Micheletti**

Médicos do Mundo

**Jean-Christophe Rufin**

Ação contra a Fome

Os nossos agradecimentos a Jean François Leroy, fundador do festival Visa pour l'Image, bem como a Delphine Lelu, diretora adjunta da Images Evidence, e a todas as equipes de Perpignan e Paris pela sua preciosa colaboração.



## Exposição

# HUMANIDADE NA GUERRA

Retrospectiva do Prêmio Visa d'Or Humanitário  
CICV de Fotojornalismo

## Delegação Regional do CICV para Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai

### **Chefe da Delegação Regional**

Nicolas Olivier

### **Coordenadora de Comunicação e Coordenação Geral da Exposição**

Claudia Jardim

### **Produção Executiva da Exposição**

Gabriela Borelli

### **Equipe de Comunicação da Delegação Regional**

Fabíola Góis (Imprensa)

Kenneth Huari (Digital e Audiovisual)

Naiade Rufino (Tradução)

Fernanda Ghazali (Estagiária)

### **Curadoria**

*Fotógrafo convidado*

Jorge Silva

### **Fotógrafos**

*Vencedores do Visa d'Or Humanitário do  
CICV entre 2011 e 2025*

Abdulmonam Eassa

Alfredo Bosco

Angela Ponce Romero

Antoine Agoudjian

Catalina Martin-Chico

Diana Zeyneb Alhindawi

Federico Rios Escobar

Hugh Kinsella Cunningham

Juan Arredondo

Mani Benchelah

Saher Alghorra

Sameer Al-Doumy

Sebastiano Tomada

Véronique de Viguerie

William Daniels



Desde 1863, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV) trabalha para aliviar o sofrimento e preservar a dignidade humana durante guerras e violência armada. Em parceria com a Cruz Vermelha e o Crescente Vermelho, prestamos ajuda vital nas linhas de frente, nos empenhamos para reunir famílias e localizar pessoas desaparecidas.

Em nosso diálogo com autoridades e forças armadas de todos os lados, muitas vezes confidencial, defendemos o tratamento humano de detidos e instamos o cumprimento do Direito Internacional Humanitário (DIH) para proteger civis contra danos, inclusive on-line.

 [www.cicv.org.br](http://www.cicv.org.br)  
 [facebook.com/cicv](https://facebook.com/cicv)  
 [x.com/CICV\\_pt](https://x.com/CICV_pt)  
 [instagram.com/cicv\\_oficial](https://instagram.com/cicv_oficial)  
 [youtube.com/cicv\\_oficial](https://youtube.com/cicv_oficial)

**Delegação Regional para Argentina, Brasil,  
Chile, Paraguai e Uruguai**

SHIS Q I 15 Conj. 05, Casa 23, Lago Sul,  
CEP 71635-250 Brasília, DF - Brasil

T +55 (61) 3106-2350

© CICV, Abril de 2026



**CICV**